

Visado pelo
Comitê de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano 13.—N.º 314—Preço 1\$00

Dia de anos

O Gaiato faz hoje anos. Com a festa coincide o nosso movimento da campanha de novas assinaturas, como diz a lista dentro de cada exemplar. Queira ler. Veja que o novo assinante dê o dinheiro adiantado. Mande-nos uma lista cheia de nomes. Comparteipe.

A cobrança que se tem feito e continua, acusa o mesmo ritmo, a saber: de entre 100 homens, há 40 que sim e 60 que não. Isto é forte. Isto é muito triste e muito importante. Isto significa mui simplesmente, que de mil contos apenas recebemos quatrocentos deles!

Terras há onde os assinantes parece terem conversado entre si e nenhum responde à chamada! Ou se o faz é para dizer que não! Ora nós temos de abandonar os mortos nos cemitérios e ir à cata de gente fresca.

O que nos dão no Tojal

É um ror de coisas. Estou em crer, que a nossa agenda é demasiado pequena para registar tudo quanto nos vão dar.

Começa assim o diário deste ano:

Para o Património mais 200\$ duma promessa. Fazem-se tantas e tão poucas onde entra o Amor do próximo que é igual ao de Cristo!

Parecendo que o Património faz esquecer os nossos rapazes não é verdade. As mãos deles erguem-se ao Alto muitas vezes na roda do dia. Alguns, os batatas, não atinam ainda com as palavras. Eu nem sempre os entendo. Mas o Pai Celeste, sim. A prova está em que volto de novo a página do diário, e dou com um sobretudo e muita roupa. Pelo Natal, a

COLISEU!!!

ATENÇÃO: os senhores guardem algumas co-
roas prá nossa festa do
Coliseu, que este ano
tem lugar a 24 de Maio.
Anda a capa...

rouparia ficou quase esgotada. Hoje está cheia. De modo que temos de repartir novamente para caber o que há-de vir. E que venha.

Mais 20 kg. de óleo de fígado de bacalhau. Que bem! Não se sumiram de todo as chagas nas pernas dos rapazes, porque a boa continua a rolar no campo. E a Nestlé 200\$ e mais 100\$ no Lar.

Os Empregados da Mobil Oil Portuguesa entregaram mais 6 cobertores e o donativo de 1.777\$. Que carinho o deste pessoal operário pela Obra da Rua! A Caridade faz esquecer as dificuldades próprias para se atender primeiro as alheias.

Um casal de Lisboa deixou 100\$; de não sei quem 200\$; e mais 100\$, e mais 373\$. Para a Casa Ávila 1.000\$, e mais 200\$ pelas almas abandonadas. Este caminho não deixa perder a própria. Do Areeiro mobilias.

Quando o Peniche veio com a notícia de se ter acabado o trigo, a F.N.P.T. toma a liberdade de nos mandar levantar duas toneladas daquele produto. É assim em nossas casas.

Voltando a página, dou com a última prestação para a casa do assinante 30.394; por ter ganho um concurso 150\$; de-

(Cont. na pág. QUATRO)

Setúbal

Assentamos arraiais em Setúbal movidos por uma grande força interior. Deus sopra onde e como quer. Ao homem compete ser fiel à moção divina.

Vimos sem programa organizado. Nós não sabemos o que queremos, nem tão pouco onde queremos chegar. O nosso programa é fazer a vontade de Deus; e é tudo.

Este inverno rigoroso que estamos a atravessar, mostramos claramente o nosso caminho. É um dó atravessar as ruas à beira-rio. Grupos de homens andrajosos e descalços a espreitar o sol que se mostra pouco aquecedor; mulheres, fora de casa, sentadas nas calçadas e embrulhadas em restos de chales; magotes de crianças a tiritar de frio, muito sujas, muito rotas e de cabelo por cortar. Olhamos desconfiados para quem passa. Tudo isto fica no coração da cidade.

Se passarmos mais à ilharga então o panorama é mais aterrador.

Era domingo de manhã. Embrulhados na capa preta e como companheiro o Crisanto, fomos dar uma volta pelo bairro da folha. Não nos foi difícil lá chegar. Por experiência já sabemos que os pobres, especialmente os miseráveis, se amontoam à beirinha da cidade. O bairro da folha é outra cidade. O nome popular pelo qual é conhecido, fala da sua natureza, arquitectura e beleza. Muitos aglomerados de miseráveis barracas construídas de latas velhas e esburacadas. Os telhados são feitos ou das mesmas latas ou de partes de caixotes. Vidraças é raro encontrá-las ali. As tampas de caixas de peixe servem de portas e janelas.

Cá fora, juntamente com crianças, cães e gatos procuram nos montes de lixo alguma coisa para comer. Ao lado, galinhas esgravatam na lama das passagens. Mulheres, muito novas ainda, estão sentadas e mal vestidas a aquecer-se ao sol, com filhinhos nus ao colo e outros do mesmo modo a brincar ao lado. À roda, as tabernas estão cheias de homens e rapazes em conversa ou a jogar. Os pequenos espaços desocupados estão coalhados de miúdos a jogar bola de farrapos. Velhinhos e velhinhas buscam nos cantos papéis velhos. Por ali perto não vimos qualquer igreja, nem vestígios de ninguém ir à missa.

Nesse dia não entramos em parte alguma. Era a primeira

(Cont. na pág. DOIS)

AGORA

Vamos ter hoje muito que ver e muito que falar. Começa o espanto por uma casa que foi cair em Tete, dentro de uma caixa de esmolas que ali mantem o nosso amigo Emílio Ce-
rejo e que diz por fora Casa do Gaiato. Mais espanto ainda por a dita casa ser oferta de um indiano, não sabemos se da União se do Paquistão; é o gerente da firma Karanchand Rughath & Filhos. De sorte que diante da doutrina do Património, nem credos, nem políticas, nem cores, nem nações, nem categorias, nem nada. Deixem passar. Lisboa vai com uma prestação de 500\$. É a quarta. Outra prestação de 1.000\$ para a casa que quero oferecer. Assina mãe aflita. Mais 30\$. Mais o do tabaco com os 20\$ do costume. Aqui vai a Maria da Piedade de algures com a sua quarta prestação de 1.000\$. Na carta diz ela que está pedindo a Deus lhe prolongue a vida até que possa construir. Eis aqui uma oração perfeita; não é verdadeiramente para si que a Maria da Piedade pede. Não admira que quem assim reza saiba dar com alegria daquilo mesmo que lhe faz falta, por isso vai aos pouquinhos e a passos de gigante! A Cecília de Tomar leva 100\$. Temos aqui mais uma casa de um Casal Feliz no dia das suas Bodas de Prata. Na carta lê-se: Desejamos concorrer conside-

rando-nos, assim, reciprocamente presenteados. Isto é uma sentença. É o verdadeiro programa de esmola. É assim que ela deve ser pregada e compreendida. Ninguém a tome por um encargo. Ninguém tente evitá-la, que nisso mesmo se condena. Temos hoje muito que ver e muito que falar. Cá vai o do Plano Decenal com os 100\$ do costume. É o Alberto. É um corredor! O pessoal da Hica vai aqui com 2.105\$90, o dinheiro de Fevereiro. O ano passado levaram todos os meses do ano na mesma e os directores não ficaram atrás. Temos aqui uma carta deles onde se afirma: nós estamos observando a Obra. Que lindos olhos e que belas vistas! Deus ajude uns e outros. Mais 200\$ dos quatro irmãos. Outros 200\$ de alguém. 100\$ de Lisboa — modesta ajuda. Mais 100\$. Mais 500\$ deixados no Lar do Porto e por remate temos a casa da Sagrada Família que um casal entregou pessoalmente ao nosso Padre Carlos. Sim; a seu tempo diremos onde se encontra a Casa do Bom Pastor.

Antes de recolher é meu desejo fazer um sermão. Aqui há tempos, veio ao meu conhecimento que os vicentinos de algures, com muita pressa e entusiasmo de construir, deliberaram entre si requerer ao Ministro do Interior autoriza-

(Cont. na pág. DOIS)

CHALES DE ORDINS

Têm sido muito dedicadas as propagandistas dos chales de Ordins. É a caridade que as move. Anda fogo por toda a parte. São Religiosas e Vicentinas. Mães de Padres da Rua e professoras e irmãs de Seminaristas. A de Vila da Rua liquida os chales encomendados com mais 30\$ para o correio, paga o seu bolso: é a pequena parte do meu sangue que gostosamente ofereço às pobres mulheres de Ordins com o pedido duma prece. Palavras escaldantes. Não transacciona com o sangue dos Pobres, mas dá-lhes do seu. Dadora de sangue. A de Pontével um grande e outro médio. Urge que receba os chales para fazer nova encomenda. No sanatório de Celas, em Coimbra, anda uma religiosa a fazer das dela. O chale foi um sucesso, graças a Deus, por isso houve logo mais encomendas e espero que continuem. E pede um grande e 4 dos médios. A de Vilar Formoso pede

um grande e outro médio, enviando para correio 7\$50. Por Deus, as obras bem intencionadas prosperam sempre. Porto com 120\$ quer um dos grandes. Lisboa 2 dos mesmos. Espinho um de 60\$. A Casa do Gaiato de Lisboa não se contenta com menos de 6. O Lar do Gaiato da mesma cidade quer uma pancada de chales. O de Coimbra diz que por lá fervem as encomendas. Lisboa um pequeno. Porto um médio. Setúbal, fazendo votos pelas prosperidades de vossa iniciativa, um dos grandes. Fátima com 100\$ pede um de 90. A P.S.P. de Coimbra diz que os chales agradam. Para o próximo inverno, se Deus quiser, voltaremos a nova encomenda. Tábua vem por um de 90. Vidi-
gueira um de 60. Viseu 2 de 110. Envia 240\$, sendo o excedente para os pobres. Porto um de 90 e outro de 60. Envia 160\$. Lisboa um pequeno. En-

(Cont. na pág. DOIS)

AQUI, LISBOA!

Acabo de chegar duma grande volta pelos Açores. Percorri quatro das suas ilhas. Com os olhos dei a volta a três e com os ouvidos às restantes.

Ninguém me pergunte pelas maravilhas das belezas que nelas talhou o Criador nem pelas riquezas que os homens aí juntaram. Fui para ver os Pobres e deles apenas poderei dizer alguma coisa. Junto do cruzeiro do aeroporto das Lages, enquanto os mais potentes aviões americanos faziam a cada momento manobras de aterragem e descolagem, um micaelense para ali levado pela desventura e na mira de melhores dias, ao saber da minha missão, abre os olhos, de espanto, por alguém nos tempos de hoje se interessar pelos pobres, e exclama enternecido: «Padre vá ver o que por aí vai de pobreza. Na minha terra, em Rabo de Peixe, depois ali em Santa Luzia e nos arredores de Angra! Veja e faça alguma coisa por esses infelizes!»

Veja e faça! Como o Pobre é a figura de Cristo, tomo estas palavras por uma ordem do Céu. E assim fiz.

Vi tudo. Em primeiro lugar devo dar graças ao Senhor porque ainda há recantos vários onde os párocos que abordei, sobretudo em Santa Maria e Faial, me puderam garantir que em suas paróquias não há riquezas, mas também não há miséria. Isto não parece do século vinte. O povo é todo cristão, daí a suficiência que Deus põe na casa e na mesa de cada um, apesar do elevado número de filhos de família. Reza em cada uma delas o Pai Nosso e a Providência responde com o pão nosso de cada dia.

Vão assim nas regiões de maior fartura onde os maiores acumuladores dos bens terrenos se esquecem de repartir, deixando apenas aos tristes mortais, alguns recantos de biscoitos. Terreno recosido produto da lava de antigos vulcões que os pobres terão de arrotear na esperança do dia de amanhã.

Assim uma família de cinco pessoas definhadas que topei na casa de banho duma caserna abandonada, tendo por colchão o pavimento constantemente húmido de cimento onde apenas estende um punhado de palha que cabe numa almofada e por resguardo uma velha manta esburacada. Não há indícios de lareira nem forno. Nunca me pareceu tão penoso o desconforto e penúria do Pobre do Barredo nem da Curraleira. O Senhor Ministro das Obras Públicas andou por ali a ver. Ainda senti o calor das suas pegadas. Párocos e juntas de freguesia estão a actuar. Nalguns sítios os protestantes anteciparam-se e têm já cinco casas nas mãos dos pobres.

Isto envergonha-nos e obriga-nos a acordar do marasmo de séculos de pacato tradicionalismo.

Assim o compreenderam alguns que estão empenhados na luta: Rabo de Peixe, Fajã de Baixo, Lomba de S. Pedro, S. Roque, Povoação, Ponta da Garça, etc. Todos dispõem já de terreno e estavam à espera da palavra de ordem. Nesta hora devem já todos trazer pessoal a cortar pedra.

Empenhei-me em que a freguesia de S. Miguel das Lages fosse a primeira a arrancar. É que estão ali as portas da América. Uma vez implantado o Património diante dos olhos dos americanos, as asas do Pentágono se encarregarão de espalhar pelo Novo e Velho Mundo, a boa nova que em Portugal surgiu uma luz celeste que pode iluminar toda a terra. Eles têm a bomba H que destrói a humanidade, nós o amor cristão que une e salva os deserdados da pobre humanidade. Se o mundo reparasse que é nesse amor que está a salvação, não correria tão depressa para a derrocada final!

O povo açoreano que auscultei em tão diversos locais, falou pela boca daquele mendigo junto daquele cruzeiro; as Autoridades Cíveis e Eclesiásticas que tive o cuidado de consultar, são da mesma opinião.

Os Açores têm dentro de si, ainda, o germe da força cruzadora das horas difíceis: é a fé do povo, a dedicação do clero e a vigilância e decisão das Autoridades. Para as pequenas deficiências bastam-se e dão lições ao mundo; no resto contam com o apoio e ajuda dos Poderes Centrais que várias vezes têm ali feito deslocar alguns dos seus representantes.

Quando um avião militar americano descolou e me trouxe para Lisboa, lancei um último olhar pela capela e pelo Cruzeiro fronteiriço. Lembrei o pobre que junto dele rapava ervas que destovam e retive a lição que retransmito: enquanto o mundo vai e vem, na doutrina e no martírio do Gólgota, está a salvação. Fora dela a derrocada Final.

Padre Adriano

Pelas Casas do Gaiato

A G O R A

(Cont. da pág UM)

BEIRE

—Queridos leitores. Há muito tempo que lhes não escrevo, por isso já se devem ter esquecido da nossa casa. Já cá temos outro rapaz que veio de novo e que nos acompanha nos trabalhos do campo. É mais forte do que nós e está todo contente. O que os senhores não sabem é como ele fala. Pois eu digo. O Sr. Padre Carlos veio almoçar connosco. E como ainda o não conhecia, ao entrar na cozinha, dando com os olhos nele pergunta o nome. Este respondeu: Eu sou o Senhor Angelo! Como não temos ainda a nossa capela pronta temos de ir à missa a Beire. O Américo que é o nosso mais pequenino vai sempre pela nossa mão. No passado domingo o Sr. Abade quis experimentá-lo, dando-lhe uma opa e mandou-o para o altar ao seu lado, com a campainha na mão, para tocar no fim de cada mistério. Portou-se muito bem. É muito esperto.

—A bolita é que ainda não veio. Ainda há dias tivemos de ficar com um desafio em meio, pois a com que jogávamos de-fez-se. Ora bolas...

—Temos duas ninhadas de pintalhões e como não temos ainda capoeira é na cozinha o seu lugar. Esta é muito pequenina e por isso o Zéquita tem de andar sempre a pedir licença à galinha e aos pintos para abrir os armários.

Para resolvermos este problema, peçamos numa coelheira. O Zéquita já tem trabalhado nela nas horas vagas. O que ainda não temos são também os coelhos.

Também temos porcos e vacas e uma vitelhinha e bois e um cão da terra e muitas galinhas. Só falta o gato.

Serafim Emanuel

TOJAL

—Patrão fora, dia santo na loja. Em outros sítios e circunstâncias teria sido assim. Porém, nesta ausência do Senhor Padre Adriano pelos Açores, não o foi entre nós. Porque afinal, se a casa é nossa, nós somos os seus donos. Cuidamos sempre dela. Nós os chefes, unimo-nos e tudo correu mesmo pelo melhor. Por causa do Património dos Pobres, teve que ir aos Açores, onde parece que a miséria alastra pelas ilhas. Foi por três dias e quase ia sendo por três semanas. O temporal não o deixava regressar. Ele que não gosta de nos abandonar! Mas os pobres exigem que vá. E ele vai. Agora andou por lá mais descansado porque sabe que nós vamos tomando as coisas a sério.

—O frio é um flagelo para todos os batatas que a toda a hora rondam o fogão. O fogãozinho bem os sacode mas o frio torna a trazê-los. Mandam portanto mais lenha para aquecer os batatas mais a panela. Havia quem nunca tivesse visto a neve. Hoje não, todos a viram já. E com tal admiração que o Jorge entra na igreja dentro com um pedaço de gelo nas mãos: —Olhe que bonito, Senhor Priore.

—Logo à chegada do Senhor Padre Adriano, tivemos reunião de chefes. Ele expressou o seu contentamento, Elogiou e deu-nos alento. E nós vamos fazer mais e melhor. Houve troca de chefes. É bom que todos os sejam, para sabermos o que custa. Portou-se melhor. É bom que todos saibam para que também se portem melhor. O Camões ficou com o refeitório, o Ribeiro com as camaratas e eu com os animais.

Não temos bola. Haja quem mande uma, que dá há muito por ela esperarmos. Heia haja ao senhor que a há-de mandar.

J. D. ROCHA

SETÚBAL

—Como já tive ocasião de dizer em crónica anterior, a nossa quinta é muito grande e a maior parte dela é destinada ao arroz. Já andamos a preparar a terra para esse fim. Daqui a pouco será a sementeira em canteiro para depois ser plantado em terra própria. A sementeira é muito dispendiosa. Só os adubos vão para uma quantia enorme. O arroz para semente também custa muito e nós não temos receitas nenhuma. Estimados leitores vejam se nos podem ajudar, na medida das vossas posses já se vê.

—A venda aqui em Setúbal já está a progredir bastante. Ainda há pouco tempo não se chegavam a vender 100

e agora já estamos quase nos 300. Mas para uma cidade como Setúbal ainda é muito pouco. Um escudo de quinze em quinze dias não vos faz falta de maior e a nós ajuda-nos muito. Por isso amigos comprei «O Gaiato» porque não só nos ajudais como também tirais proveitosos ensinamentos para a vossa vida.

—O nosso campo de futebol já está quase pronto. Mais umas padloias de terra para algumas covas; mais uns morrozitos arrazados e eis-nos a correr e a saltar atrás da bola. Fica com perto de 70 metros de comprimento por 33 de largo. Para nós já dá muito bem.

—O Senhor Padre Horácio todas as semanas vai a Coimbra e a Miranda, levando com ele os que se portam melhor. Alguns já foram e vieram todos satisfeitos. Esta semana foi o Joaquim e o Perinhal, dois vendedores do jornal. Toda a semana andam atrás do Senhor Padre Horácio a dizer que se portam bem. Manda-os ir ter com o chefe a perguntar-lhe se eles merecem. Alguns nem chegam a ir porque já sabem que têm culpas no cartório.

—Não quero acabar estas linhas sem deixar o meu mais sincero obrigado às Ex.mas Direcções do Benfica e do Sporting por nos terem enviado uma bola de futebol. Vieram mesmo na altura própria, pois não tínhamos nenhuma. Agora em se acabando uma ainda fica outra para darmos uns toques. Mais uma vez aos dois baluartes do Desporto Nacional o nosso sincero obrigado, e para o Sporting, como bom sportinguista, votos para que ganhe o campeonato.

José Roque Crisanto

SETÚBAL

(Cont. da pág UM)

vez. Soubemos que toda aquela população era de pescadores. O ano de pesca, informam-nos, foi muito mau. Não houve reservas, nem tão pouco os pescadores as sabem fazer. Há um desequilíbrio no mar e outro maior nos homens, que lá trabalham. Temos a certeza que naquele dia se entrássemos não encontraríamos pão em casa, nem lume na lareira.

Retirámo-nos a meditar e compreendemos qual o nosso programa em Setúbal: tudo isto que acabamos de ver.

Padre Horácio

CHALES DE ORDINS— Cont da 1.ª página

via 70\$. Porto 2 de 60\$. Torres Novas aparece com 97\$50 para um de 90. Riba d'Ave com 120 para um de 110\$. Lagoa recebeu um e, na volta do correio, vem por outro de 90. Sabugal um pequeno. Vila Fernando, idem. Tenho acompanhado no Gaiato a sua campanha a favor do artesanato aldeão. Oxalá que não esmoreça e que outras aldeias venham a tomar o exemplo de Ordins. Agora é a vez de Fátima: a minha neta ficou radiante com a surpresa do chale branco! É realmente muito bom e muito bonito! E, como não há melhor propagandista dos chales de Ordins que eles próprios, recebi um para uma netinha, a Avó lembra-se das outras e daí mais dois pequeninos. As Minas da Panasqueira um pequeno. Avelar um grande. Lisboa um médio; envia 140\$. Porto um pequeno. Outra vez Porto um médio. Ainda Porto um grande. Os vicentinos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa mais 5 de 110. Vale de Prazeres idem. Carrazedo de Montenegro um de 60. Famalicão um médio. Depois

vão para um sorteio de cem mil bilhetes, designando, ao que parece, número e qualidade de prémios. Ora se bem que não temos patente nem direitos reservados, certo é que ninguém nos contesta a paternidade da obra, pelo que escrevemos humildemente ao Ministro e pusemos veto. Nós temos que estas procições que desde o início da obra vêm enriquecendo e embelezando a alma de quem as lê e entende; tenho que, dizia, mais do que a lição, elas devem dar a certeza que não é preciso recorrer ao mundo para se obter o que é de Deus. É mesmo do Evangelho.

Acabo de fazer as contas pelo livro que aqui temos e posso dizer que andamos perto dos nove mil e quinhentos contos oferecidos por um mundo de escolha, em silêncio e com lágrimas; e enquanto houver um pobre à ninguém de abrigo é por este caminho que tem de vir o dinheiro para lhe construir a casa. Por isso me atravessei e disse que não. Mesmo que não venha a ser atendido e que o sorteio se faça e os prémios sejam expostos e o mundo se divirta; mesmo que tudo isto e mais possa acontecer, fica de pé a verdade que defendo, pela qual se me não dá de morrer.

A vulgaridade não tem aqui lugar. O interesse é interdito. Ninguém pode servir a dois senhores. Ou se ama o Pobre e ajuda-se em silêncio ou se deseja um prémio e compra-se a vida. Eis.

Mais do Lisboa, entregue no Tojal, 15 contos de um anónimo. Mais idem 12 deles, engenheiro Barata Correia. Mais 200\$. Mais nada.

Colaborai na

Campanha dos Cinquenta Mil

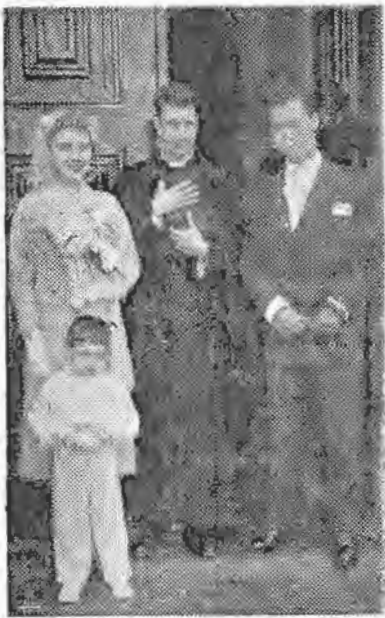
outros virão. Esse é o da amostr. Porto um de 110. O propagandista de Valado dos Prades chegou agora com uma encomenda de um de 110. Pretende arrancar a camisola amarela a quem a leva. Paço de Sousa veio cá de propósito escolher um de 90\$. Mais uma vez Porto um grande.

Não pegam outras cores, que branco, beige, estanho claro e escuro, vermelho escuro, azul marinho e preto. Na falta da cor preferida, indicar sempre outra. Temos agora três fábricas a fornecer-nos a lã. Está a crescer o número das artesãs. Tudo isto é para atendermos com prontidão as encomendas. Isto é caridade. Os chales de Ordins só se pedem acompanhando o pedido o respectivo vale do correio. Dirigir toda a correspondência relativa a este assunto para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Lagares, correio de Paço de Sousa. É grande caridade não pedir a cobrança. Mandem 110\$, 90\$ e 60\$, e mais 5\$ para correio.

Padre Aires

ISTO É A CASA DO GAIATO

O cronista recebeu instruções para fazer o relato das eleições do chefe de Paço de Sousa. Por ele ficam os senhores inteirados de como as coisas se passaram, mas eu, deixando ao rapaz o pormenor,



O Manuel Durães, que ficou na cidade do Porto, sua terra natal.

não me quero furtar de expor o seu alto significado. Em primeiro lugar, note-se o espírito de continuidade que a Obra da Rua oferece aos seus princípios. Na verdade, enquanto se procedia à eleição no extenso refeitório da casa mãe, eu meti-me pelos anos dentro e fui buscar as primeiras em Coimbra, onde eram precisamente o que hoje são. Trouxe à memória nomes, factos, esperanças, desenganos, que de tudo houve, e há-de naturalmente continuar. Porquê? Porque somos uma obra de homens. Mais nada. Aqui reproduzimos as imagens do chefe cessante, do chefe eleito e dos outros que obtiveram alguns votos.

FALA O DANIEL

«Primeiro foram as do nosso Grupo Desportivo, com a assistência do Senhor Padre Carlos. Realizaram-se nas escolas, tendo votado todos os que estão relacionados com o desporto. Depois do segundo escrutínio, foi eleito para presi-



O Daniel, compositor mecânico, com 6 votos.

dente o Manuel Jorge Pinheiro. Para secretário ficou o Daniel. Pró-Sede e campo o Carlos de Pinho Ferreira.

No fim o Senhor Padre Car-

los falou do valor do desporto como educador da juventude e qual a sua função. Não podia deixar de salientar a carolice do Senhor Raúl Teixeira da Silva, da vizinha freguesia de Cete, que é o nosso orientador. Tem-nos aturado todas as semanas com a maior das boas vontades, tendo por vezes sacrificado os seus afazeres profissionais. O muito obrigado sincero pelo que tem feito em prol do nosso grupo e daqui apelamos para que continue, pois para boa organização é preciso que haja ordem e disciplina, como até aqui tem acontecido.

Para chefe maior foram no dia 28 de Fevereiro último, depois do jantar. Estava presente toda a comunidade. No meio estavam o Pai Américo e o Senhor Padre Carlos.

O chefe levanta a voz e faz-se silêncio. Vamos entrar no acto central. Não devemos fazê-lo com a cabeça no ar, pois votar não é um acto qualquer. Não é o simples papolinho que se coloca na urna. É algo de mais. Para ser bem feito é com o pensamento no Sobrenatural. Opinião sincera de cada um, que vai escolher o irmão mais



O Manuel Jorge, chefe eleito, tecelão.

velho, assim se pode chamar, para servir de mediante entre nós e os superiores. É afinal para bem de todos. Por consequência todos devem manifestar o seu interesse. Para que todos e ele próprio venham a beneficiar com a sua acção. Terá deslises como todos nós os temos, mas nessas crises é que nós nos mostraremos verdadeiros amigos, irmãos autênticos. Nessas ocasiões devemos expor o nosso coração, para que ele saiba que não está sozinho, não é só a sofrer como o não será nas suas alegrias. Prestemos-lhe respeito, pois é em nome do Senhor que o fazemos, para que ele seja a nossa luz nas horas de trevas, nos diga uma palavrinha ao ouvido e nos conforte nas nossas mágoas.

Vamos proceder à eleição. Todos de ouvido alerta. C. Pereira começa a ler e foi eleito quase por maioria absoluta o chefe dos tecelões, Manuel Jorge Pinheiro.

De facto era o mais indicado e já prevíamos a sua eleição.

Logo a seguir ficou o Carlos de Pinho Ferreira, que passa a sub-chefe. Há muitas palmas, vivas, alegrias. Todos pedem à uma para dizer duas palavrinhas mas ele teimou e venceu. Depois de o abordarmos mais de perto, perguntamos



A Rosalina, esposa do Zé Poveiro. Quem ainda para a ideia que os gaiatos não têm habilitação para escolher moças bonitas, quem?

-lhe como encarava o seu novo cargo. Só conseguimos obter a resposta, em tom irónico: hoje não falo aos jornais!...

Deixo aqui também expresso em nome de toda a comunidade, o mais profundo reconhecimento ao chefe Cândido Pereira, que deixou este espinhoso cargo para cumprir um dever de cidadão e de português. É soldado da Pátria, testemunha da nossa vinda a este mundo e morrer com o seu nome nos lábios, sob a Bandeira das Cinco Chagas, é a maior das nossas aspirações. Que ele consiga manter sempre a linha de prumo e que saiba contrariar as dificuldades que se lhe irão deparar ao longo desta nova etapa da sua vida, como tem sido seu timbre. São os votos de todos e de

Daniel Borges da Silva»



O Carlos Pinho, alfaiate, 10 votos.

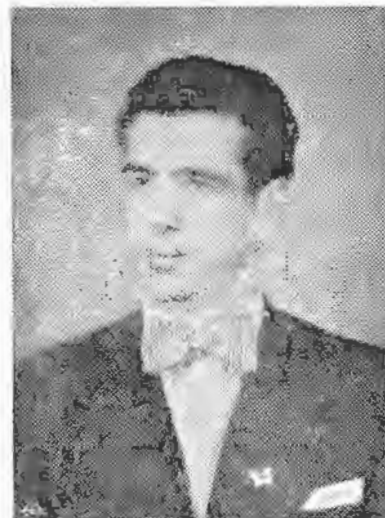
Nesta mesma página e porque o jornal faz anos, reproduzimos outros acontecimentos sociais, que são outras tantas

afirmações de vitalidade; trata-se de dois casamentos. Mais dois rapazes que começam a vida com bases sãs e sólidas. O António Marques, partiu para um emprego nas terras de Manica, onde vai ganhar 4.500\$ mensais, na qualidade de mecânico, carta de pesados e ligeiros. O Manuel Durães fica mais perto de nós. Deus os guie.

— x x x —

Sempre num crescendo vitorioso e dando por tudo graças a Deus, temos a notícia da estadia entre nós, da Rosalina, esposa do Zé Poveiro, que há tempos se casou por procuração e hoje espera a data de embarque para Moçâmedes, onde seu marido é mecânico com muito bom nome e muito bom salário. Deixou a sua família e veio para casa da sua nova família. Está aqui a trabalhar nos serviços domésticos. Toda a gente sabe e a trata por emulher do Zé Poveiro.

É uma apologia. Os rapazes vêm e sentem o sentido familiar. Já se pediu a passagem para Moçâmedes e sei que o despacho ministerial lhe deu prioridade.



O Cândido, chefe cessante, compositor mecânico. Era do Bateado.

— x x x —

De sentido mais prosaico, sim, mas não menos prático, damos notícia de que as esposas do Manuel Pinto e do Júlio e do Avelino, chamaram jornaleiros e procederam à sementeira de umas arrobas de batatas, num campo que para esse fim lhes foi posto à disposição. Consertaram-se e cada uma delas deu de comer aos homens no seu dia, tendo sido da conta de todas o adubo e a semente. Quer dizer; bom entendimento, boa economia, boa despesa. Resultado: — muita paz. Tudo são afirmações do valor social da obra mais discutida desde a fundação da monarquia até nós.

— x x x —

Mas o maior vem agora. É o Júlio. O Júlio Mendes. Ele foi convidado para ir falar a uma assembleia de vicentinos, que teve lugar no seminário do Porto, em um destes domingos. Sabemos que o vicentino

é o escol. São pessoas que estão para servir e na verdade servem os homens que precisam. Ora isto é muito alto. Admirei-me e interiormente me regozije, que se tivessem lembrado de um gaiato para a ocasião e que entre tantos, escolhessem



O António Marques, a estas horas ao mar alto, rumo à África.

o Júlio. Mas ainda me admirei mais e interiormente me regozije quando um dos presentes me disse: o senhor Bispo hebia todas as palavras do rapaz. E que assim tenha sido, acredito, porquanto, apenas ele termina, procede-se a uma queito para a Conferência dos gaiatos de Paço de Sousa que rendeu a passar de mil escudos, quando é certo que pouco antes e para outros fins, se havia feito o mesmo entre os assistentes!

— x x x —

Ora pondo hoje em destaque estes pontos a saber: as eleições. Os dois casamentos. A Rosalina à espera da hora. As três esposas numa parceria de batatas. O Júlio a falar a vicentinos e mais outro ponto que acima se não diz mas aqui sim, e vem a ser um menino que nasceu no Avelino, tão bonito, que o rapaz tinha escolhido um nome para o seu filho e eu dei-lhe outro da minha lavra; chama-se Avelino. Tudo



O Abel Braga, alfaiate. Teve 6 votos.

isto pois constitui a prova real duma verdade que anda esquecida: Qual? Ei-la: «É pelos frutos que a árvore se conhece». Ora aqui temos e até à próxima festa de «O Gaiato» se eu ainda por cá andar.

Do que nós necessitamos

Mais 2.000\$ de um sacerdote do Porto, uma disposição de consciência. Metade de Alijó da mesma sorte. Mais 18 contos da cidade do Porto. Encomendas postais da Beira. Encomendas postais de Nampula. Elas são uma verdadeira riqueza não somente pelo seu actual conteúdo, mas também pelo que significam: saudades da pátria! Aquele alguém dizemos aqui que sim senhor. Temos recebido e continuamos a receber a sua cota mensal. Se não registamos no Famoso tudo quanto se recebe, isso é por nos ser quase impossível, tantas as coisas, tantas as pessoas, tantas as origens! Graças a Deus. Além desta quase impossibilidade, existe ainda uma outra, que vem a ser a maneira como as ofertas chegam às nossas aldeias: ele nos depósitos, ele entregue aos vendedores, ele visitantes, ele cheques, ele jóias e metais preciosos, ele segredos e recados discretos e mãos escondidas e declarações e tudo quanto a alma produz. Por isso recomendamos a todos muita calma e a todos damos certeza; aqui recebe-se tudo. Mais 200\$ de Mogineu; esta terra é em África. Mais 70\$ do Porto. Mais encomendas de Angola; também aqui dizemos ter recebido quatro pacotes. Mais 50\$ da Foz. Mais 60\$ da Maria Helena de Lisboa. Mais 1.000\$ de Porto Amélia tirados da primeira gratificação que recebeu. Todo aquele que vive do seu ordenado para quem a gratificação constitui uma necessidade, o dispor de parte dela, é um acto de fé em Cristo Nosso Senhor. Mais 1.000\$ de Tondela. Mais 20\$ do Porto. Para a viúva dos oito filhos e viúva da Nota da Quinzena e para a mãe que só dá pão ao filho quando ele barrega, as três pessoas que tomaram à sua conta este encargo, nunca mais deixaram de o cumprir. Oh persistência! Deus os ajude. Deus acrescente a vida de cada um. Mas cuidado. Muita cautela. Muita compreensão. É que muitas vezes este acrescentar resolve-se em tirar. Às vezes é mesmo um filho! Deus escreve muito direitinho por linhas muito tortas e dolorosas. Deus não pensa como nós. Da última vez que me dirigi a casa do que só come pão quando barrega, notei que, se isto era assim dantes, hoje não. Estava ele sozinho em casa, que é uma das do Património. Percorro as dependências, abro uma caixa e um armário. Procuro na cozinha onde tudo era rapado e dou enfim com um bocadinho de pão muito pequenino dentro do forno. Estava ali o que barrega. Era dia alto e não tinha comido nada. Ofereci-lho. É pró meu irmão. E não aceitou! Insisti e ele também. Deixei ficar o pão no mesmo sítio e regresso a casa ruminando nestas lições que os Pobres desde pequeninos sabem dar ao mundo! É pró meu irmão. Mais 12 camisolinas da fábrica Helena feitas de retalhos. Que lindas! Mais de Mem Martins 500\$ do meu recente taumento de ordenado. Mais 2.079\$70 dos funcionários da Junta Nacional da Marinha Mercante. Aqui vai

de nós todos para todos um xi do coração. O pessoal da Mobilil Portuguesa coloca no Banco Espírito Santo 51\$00 todos os meses e isto sem enfado e sem interrupção e muito caladinhos e muito amigos e sempre muito contentes. Um viva a eles! Do Estoril recebemos 50\$. Mais 70\$ de Coimbra. Mais 300\$ de Lisboa de um senhor que deu 700\$ pela assinatura do jornal. Se não fossem estes, teríamos de suspender. O Tomar já encheu duas e agora a terceira está quase cheia. Quem vier cá pode ver o letreiro: Gaveta dos caloteiros! Mais 100\$ de uma promessa. Mais 200\$. Lisboa 150\$. Um assinante de Castanheira de Pera paga com cinco cobertores.

Cabeceiras 20\$. Caldas de Vizela 50\$. Macedo de Cavaleiros o mesmo. Calçada de Arcoios 200\$. Um bocadinho do meu ordenado Z. A. 100\$. Outro tanto de uma lisboeta que reside no Porto. Mais de Moscavide 50\$. Mais outro tanto de R. D. Lisboa. Outro tanto de Coimbra. O dobro do Porto. Mais 250\$ do meu primeiro ordenado imitando assim o exemplo de outros. É o Porto que fala. Mogambique 150\$. Mais 500\$ e esta carta:

«Já lá vão uns 12 anos, tinha eu então 9, quando me veio parar à mão um jornalzinho! Tinha umas figuras no cabeçalho, apanhei-o, li e achei graça. Não pude então compreender, nem tão pouco assimilar a «sua doutrina». No entanto achei engraçado. E na minha mente infantil radicou-se a ideia dum padre que «escrevia» a «dizer» e «pedia» a «rezar».

A roda da vida andou. Saí da minha modesta e lúcida aldeia no Marão, e fui para o liceu.

Pude, então, conhecer a obra, pretendi mesmo ajudá-la; os meios não me têm permitido. Continuo a estudar; estou num curso superior e o dinheiro não me tem sobejado.

Mas esta carta não pretende ser uma defesa, por não ter feito aquilo que certamente, com sacrifício, poderia ter feito. Não!

Esta carta é para lhe agradecer, Pai Américo, aquilo que de bem me tem feito. Olhando à nossa volta, abismados perante o inóspito deserto da maldade humana e do seu acerbo egoísmo, faz-nos bem levantar os olhos para o Alto. Quero agradecer-lhe, Pai Américo, ter-me dado possibilidades de poder acreditar no «Homem» e no seu «Cristo», nesse «Cristo» «que vive», que «chora», «sofre» e que «perdoa». Nesse Cristo que é o Supremo «Amor».

Não se publicaria se não fora de um jovem. Outra vez não se publicaria se este jovem não falasse nela de Cristo que vive, que chora, que sofre e que perdoa. Mais 2.000\$ do Grémio dos Retalhistas. Porto 300\$. O chale de lã feito por uma senhora idosa, foi propositadamente entregue a um pobre da mesma idade. Mais 100\$. Outro tanto do primeiro vencimento

Atenção às senhoras VISITANTES

Vem aí o tempo deles. Os ecerones estão em grande forma e todos receberam instruções de indicar o mostruário de trabalhos de ferro; de oferecer o catálogo, dizer o nome do chefe da oficina e ajudantes; explicar que em nenhuma parte do mundo encontram obra mais perfeita; filar cada um, não os largando enquanto não comprarem uma recordação da Casa do Gaiato.

Gostaríamos de fiar, sim, mas a gente anda escaldado...

CALVÁRIO

Mais 100\$ do Porto. Mais 500\$ Lisboa. Mais 100\$ Cabeço, Mais o dobro no Lar do Porto. Mais 750\$ idem. Mais 70\$ Matozinhos. Mais 100\$ Lourenço Marques. Mais o dobro idem. Mais metade. Mais 40\$ Ilhavo. Mais 200\$ Gaia.

Não se trata de uma sequência do «Património», tão pouco nasceu esta por amor daquele, nem os dois por via da Casa do Gaiato. São ramos diferentes de uma só árvore, baseados em uma única verdade: o conhecimento de Deus pelo amor do próximo. Mais nada.

Resolvemos colocar no eufónio da primeira vivenda, a placa que diz Graças a Deus.

Muitos e muitos hão-de ter ocasião de ler: a dita casa fica rente ao caminho. Mas ninguém interpreta como eu. Ninguém!

de uma professora. Dos cigarritos de um doente hospitalizado, que pede por misericórdia uma oraçãozinha pelas suas melhoras — e manda 20\$. Os hospitais são baluartes! Não nos referimos às estruturas, ainda que gigantescas; queremos falar do Doente e da Dor. Mais 130\$ do Porto, uma subscrição de nove amigos da Casa do Gaiato. Mais 20\$ do Porto. Mafra 50\$. Lisboa 500\$; é um terço do meu primeiro ordenado. Mais isto:

«Admiro profundamente a «Obra» e creio que com ela têm recebido os católicos uma boa lição, lição de puro cristianismo. Leio o jornalzinho, sempre, de ponta a ponta e quando chego ao fim maravilho-me como se tem chegado a tanto. Deus é bom e generoso, por isso confiamos em que mais há-de fazer dos homens e mais os há-de ajudar, libertando-os da sua pequenez e da sua miséria humana.»

Não sei se os senhores têm já reparado que nós só publicamos cartas de outros quando elas se apresentam como um bem para todos. Para isso basta que sejam hinos ao Pai Celeste; Deus é bom e generoso. Mais 100\$ de uma Universidade de Coimbra pelo jornal que tanto bem me tem feito.

Mais Glória ao Pai Celeste! É só por isso que a Imprensa infunde e difunde.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Aniversário do jornal: Apesar da abundância de original não nos permitiu alongar, não queremos deixar de saudar o nosso «Famoso» no dia dos seus anos. É que a gente ama-o do fundo do coração — temos-lhe muito e muito amor. Quanto mais não seja pelo facto de assistirmos ao seu nascimento. Mais ainda; é que eu já fui vendedor, tive a felicidade de espalhar os primeiros exemplares por terras e gentes que pela primeira vez ouviram falar da Obra da Rua e dos seus prodígios. Ora se nos dão licença, meus senhores e minhas senhoras: VIVA «O GAIATO»!

O que recebemos: Portalegre, 20\$. Aires Mourinho, 60\$. Lavínia Neves, 50\$. Um assinante do Rio de Janeiro, 100\$. Mais uma quantia de Raúl Bártolo, também do Rio: «consegui encontrar estes corominguas que com todo o prazer mando para a Conferência da Aldeia». Assinante 1.684, 50\$. A.M.S. igual

quantia. O mesmo do assinante 4.809, de Setúbal. Da mesma terra 20\$ do assinante 30.129. Igual quantia do assinante 26.362, do Porto. Alice Pereira, 14\$. Assinante 17.874, 20\$. Idem 10.298, 50\$. Idem 14.174, idem. Ana Rezende de Luanda, 20 angolares — saudades a todos os nossos amigos. Assinante 13.575, 20\$. De Nova Lisboa, J.M., 100\$. Caldas da Rainha o anónimo que se subscrive com a inicial N, envia 150\$ que gostaria fosse aplicado na compra de um agasalho, não havendo outra necessidade maior. Não podia vir em melhor altura esta importância. Ainda agora o Avelino apresentou a conta do Manuel Antunes & C.a na importância de 600 e tal escudos por uma compra de cobertores ali efectuada, para distribuir pelos visitados. A todos, os nossos melhores agradecimentos na certeza que Deus paga com por um a nossa caridade pelos Pobres.

Júlio Mendes

FESTA DE ANOS

— Com o presente número, entra «O GAIATO» no décimo terceiro ano de publicação ininterrupta. Entrou de pequenino para a escola, entrou no liceu com boas notas e passou à universidade com mais força, vontade férrea de aprender sempre cada vez mais. E não lhe tem faltado as forças. Encontra-se hoje ainda mais vigoroso, mais batalhador que ontem. Quando nos parece que deviam baixar, tem tido sempre notas altas. Tanto, que chega até a confundir os professores. O jornal é o nosso gosto, a nossa vida, a nossa voz. É a verdade transmitida à letra de forma para operar maravilhas na alma de quem lê. Nas suas colunas jorra o Precioso Sangue de Jesus Nazareno. É por isso que há grandes incêndios e as obras estão à vista. Sacia, dá paz aos olhos de espírito. Relata as passadas da Via Dolorosa e é a lamparina que nos indica: é por ali o caminho!

Fala das árvores, das flores, dos frutos, das imensas águas do oceano e maravilhas que nele encerram, dos prodígios da natureza que para nosso favor foram criados. Aqui é que se vê a bondade do Nosso Criador e Nosso Pai. Foi ele que nos deu tudo. Vês além aquele palácio, coberto de ouro e outros metais preciosos e outras riquezas? Também foi ele quem permitiu. De tudo isto Ele tem conhecimento. Mas há ali na curva, encostada a um musgo rochedo uma cabanazinha, que mais não é que um aide. E vive lá gente. E até uma família com muitos filhos. Mas então esse Senhor de quem me falas é um injusto? Não, não é. É para ver, uma prova que o Justo Juiz põe diante do arrogante, um recurso que pode servir para amolecer a pedra que tem no coração. A ver se tem pena desta família, que afinal também lhe pertence, para sua própria salvação. Lembra-te daquela passagem do Evangelho em que o senhor perdoou a seu servo uma dívida e que este mal se viu livre desta se atirou ao seu companheiro que também lhe devia? Pois está a suceder constantemente.

De tudo isto fala o nosso querido «Famoso». O nosso jornal é lume, uma força viva que faz bem à Nação.

É o amigo das horas boas e más. Entra nas escolas comerciais e industriais, nos colégios, nos grêmios, repartições públicas, nos clubes, nos gabinetes dos nossos chefes. Vai até à África, às ilhas, e para o estrangeiro. Temos presentemente uma tiragem de 42 mil e não me admira nada se amanhã vir esta conta multiplicada. Há tantos jovens que esperam ter uma caminha lavada, barriguinha cheia, ter uma escola onde desenvolver a sua inteligência!

Tanto farrapo que inunda um dos países mais lindos do mundo e por on-

de começara o declínio duma nação que apregoa aos quatro ventos a sua fé, mas não a vive! Está muito à quem de corresponder.

Por isso cada leitor tem de fazer um sacrifíciozinho para divulgação do nosso jornal, que é o mesmo que mostrar um caminho novo. Que cada um tome para si: se eu quiser, Portugal será melhor!

DANIEL BORGES DA SILVA

O que nos dão no Tojal

(Cont. da pág. UM)

positado no Banco mais 50\$; e em vale mais 100\$.

Na página seguinte, outro tanto duns senhores que vieram morar aqui perto. Mais adiante, 40\$. Do Grémio dos Armazenistas de Vinho 80 litros de tinto e 20 de abafado. Nesse dia até o Jacinto provou.

No consultório onde dantes era um mocho, agora vê-se uma cadeira de dentista. Bem haja quem teve a ideia.

Neste tempo de frio cortante, que boa conta nos fizeram uma furgoneta e duas camionetas de lenha! Se a hão-de deitar fora nós aproveitamos. Que bem sabe o terço rezado em torno do fogão aquecido com ela!

Agora leio: 20\$ das crianças duma escola. Esta professora sabe ensinar!

Por carta 50\$ de «ninguém» e outro tanto duma viúva; mais 100\$ entregues na mão; o mais um teodolito da Rua do Comércio.

A porta da igreja do largo do Rato 150\$ e mais 200\$ entregues ao Natalino; 1.000\$ da Socolil; e como nos mais anos um porco bem gordo do Alentejo.

No Lar 300\$ para a «vossa santa Obra», e 50\$ duma alma infeliz. O quanto de tudo somado, só Deus avalia.

P. B.